

ADOÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO SELF: A QUEM SE ADOTA?¹

Stella Maris Souza da Mota²

RESUMO: O processo de adoção envolve fatores motivacionais, os quais sustentam os vínculos afetivos e definem a constituição do self da criança, influenciando-a na apreensão da realidade, nas suas relações sociais e nas suas construções simbólicas.

São infelizes as pessoas que apenas gostam, porque vivem o provisório e o inconsistente. Amar é permanente e duradouro (SCHETTINI FILHO, 1999).

A atitude de adoção de uma criança envolve vários fatores que merecem ser considerados. Das condições sociais e morais da família adotiva até as motivações pessoais de quem adota, todos esses aspectos estarão presentes no cotidiano da convivência familiar, contribuindo ou não para o desenvolvimento saudável da criança. Então, podemos indagar: por que se adota? Por que os pais adotivos, entre tantas crianças com características físicas semelhantes, elegem uma e não outras? Quais as repercussões para a criança quando a motivação dos pais enfraquece?

Reverendo-se a veracidade e o alcance das entrevistas com os pais

¹ Trabalho apresentado na VIII Jornada de Psicanálise do Grupo Psicanalítico de Alagoas - GPAL

² Psicóloga Clínica (CESMAC), Especialista em Psicologia Social (UFAL), Mestra em Literatura Brasileira (UFAL), Membro efetivo do GPAL.

candidatos a adoção e considerando-se os conflitos familiares escutados na clínica psicanalítica, facilmente percebe-se quão frágeis são os critérios observados para se “prever” a eficácia do vínculo entre a família e a criança, porque eles se pautam em aspectos materiais, necessários ao provimento das necessidades orgânicas e educacionais de um filho, mas não averiguam as motivações subjetivas – e até inconscientes – dos pais. A história da infância daqueles que adotam não é cogitada, deixando fatores relevantes para o exercício da paternidade e da maternidade suplantados por uma ou duas entrevistas e vários procedimentos burocráticos.

Sim, os aspectos socioeconômicos avaliados através das entrevistas e visitas domiciliares da assistência social e psicológica, bem como todo trâmite burocrático, formam o lastro para o provimento das necessidades físicas e materiais da criança, conferindo-lhes grande importância para o critério de adoção. Porém, o convívio familiar que compõe o ambiente que proporciona à criança descobrir-se como um ser criativamente capaz, singularmente aceito e com um desenvolvimento psíquico saudável é aportado noutros fatores. Fatores estes que irão constituir e alimentar a motivação dos pais para continuarem desejando esse vínculo, efetivando a adoção ao longo do desenvolvimento da criança e da história da família. Adotar é um ato que se renova cotidianamente frente às demandas da criança e a partir das motivações dos pais.

Tais fatores estão impreterivelmente relacionados às primeiras vivências afetivas de quem adota e resgata nas crianças adotadas os limites e as possibilidades de retomarem a própria experiência da infância para ressignificá-la. Ressignificar a infância vivida diz respeito a retomar as experiências prazerosas e não prazerosas, com suas limitações e possibilidades de serem recriadas ao acompanhar as mesmas fases de desenvolvimento do filho. Assim, podemos compreender que o processo de adoção não deve se restringir a normatização, mas considerar o desenvolvimento psíquico daquele que adota, pois esse é o fator

que poderá alimentar os afetos que sustentam o exercício da maternidade e da paternidade, sobretudo no cotidiano familiar, que se apresenta ora com expectativas frustradas e grandes diferenças, ora com semelhanças e identificações. Dessa forma, o vínculo afetivo, que é um processo de contínua construção submetido à cultura, efetiva-se na habilidade de lidar com a aceitação da própria história e a percepção real do outro com seus limites e possibilidades.

Não há necessidade de consentimento para que a imagem da criança nos remeta para a emoção do passado que rapidamente se faz presente. É nesse momento que a vivência e o significado que se atualiza reescrevem a função paterna/materna, posto que é a chance de reinventar a forma de cuidar da criança de cada um. É interessante observarmos que esse mesmo processo de ressignificar a si mesmo diante da infância do filho apresenta-se igualmente tanto para os filhos biológicos como para os adotivos, uma vez que a adoção implica a aceitação do outro com diferenças, possibilidades e nenhuma certeza sobre o futuro. Um analisando adulto, referindo-se ao pai biológico, dizia: “Não vivi essas coisas com meu pai porque ele não quis saber de mim, mas hoje vivo com o meu sobrinho tudo o que eu quis que meu pai fizesse comigo. Estou no lugar do pai e me vejo no lugar do meu sobrinho, o lugar de filho.”.

Há, ainda, um outro lado para ser considerado, na construção desse vínculo. Quando uma pessoa busca uma criança para adoção, encontra nela a herança de seus significados tácitos, relativos às suas vivências desde o momento e circunstâncias em que foi gerada. Essa herança de significados pode configurar semelhanças ou diferenças com relação ao repertório de valores dos pais, colocando-se diante das suas motivações. Então, é preciso lembrar que o conhecimento dessa herança não é condição para o amor e que amar é diferente de gostar.

Segundo Schettini Filho (1999, p. 24), “Amamos o filho porque amamos a pessoa dele, mas, muitas vezes, não gostamos de determinados comportamentos

seus ou mesmo de algumas características.” Enquanto gostar é efêmero e por isso deixa-se de gostar quando as diferenças nos são apresentadas, o amor não acaba diante das diferenças. O amor se funde na correspondência do eu que se revela no outro e é por essa via que vamos ter a possibilidade de recriar a nós mesmos, de reescrever a história através do vínculo parental. Se as vivências com os respectivos significados da criança não estão explicitadas em alguns casos de adoção, nem por isso se torna impossível a construção dos vínculos. Já as vivências da infância daquele que adota vão se tornar a base motivadora para a construção desses vínculos.

A relação afetiva traz, conseqüentemente, o recriar das vias do afeto desenvolvido em estágios anteriores. Somente a verdade subjetiva do sujeito que adota pode promover o olhar que encontra na criança adotada a correspondência de si mesmo, ainda que pela via das diferenças. Schettini Filho (1999, p. 73) ressalta que “A verdade fortalece a confiança e esta aprofunda o amor”.

Na clínica psicanalítica, escutamos relatos de diferentes circunstâncias com semelhantes teores de significação: pais adotivos que se apresentam com total inabilidade para lidar com as diferenças do filho e atribuem isso ao fato de serem adotivos; pais desmotivados a continuarem a cuidar dos seus filhos e desejosos de “passar” essa função a outros; pais frustrados porque a conduta dos filhos não corresponde às suas expectativas; filhos conflituados porque não correspondem às expectativas dos pais; filhos que, apesar de serem biológicos, não foram adotados pelo pai e refazem essa relação comprometida na relação com os seus filhos; crianças que não encontram nos pais correspondência para serem autênticas nas suas expressões e demandas de amor; filhos biológicos que, embora inicialmente desejados pelos pais, também trazem consigo uma história de rejeição e dificuldades de identificação parental. Por todas essas escutas da clínica psicanalítica, compreendemos que “A real e autêntica parentalidade é a afetiva” (SCHETTINI FILHO, 1999, p. 43) e buscamos na via da afetividade dos pais o caminho para

compreender as dificuldades dos filhos.

Para essa compreensão, tomamos como fundamentação teórica os estudos de Winnicott, e por meio deles percebemos que as bases para a saúde mental se apoiam nas condições que a presença cuidadora da mãe vem proporcionar à integração da personalidade e independência da criança, permitindo-lhe as expressões espontâneas de suas necessidades, inclusive as de escoar a agressividade, em seus jogos que envolvem todo sistema psicomotor. A conduta materna vai configurando o ambiente facilitador para o desenvolvimento saudável da criança. De acordo com Winnicott (2005, p. 107) “Um dos mais importantes sinais de saúde é o surgimento e a manutenção, na criança, do brincar construtivo”.

Apesar das forças potenciais que emanam de uma criança e a impulsionam no sentido de manifestar a vida, ela requer continência e reconhecimento numa relação de total dependência afetiva. Inicialmente, é na relação mãe-bebê que o meio ambiente começa a ser fundado e, dependendo desse vínculo, ele será experimentado como facilitador ou não para suprir as demandas do bebê. É o meio ambiente facilitador que constrói na criança a possibilidade de acreditar no mundo e em si mesma. Então, decorrente de um ambiente favorável ao desenvolvimento do bebê, teremos o que Winnicott (1983) chamou de verdadeiro self ou falso self.

Recordando que o self verdadeiro refere-se à parte controlada pelos instintos e endereçada para o exterior, portanto, relacionada com o mundo, fica claro que somente aquelas crianças que podem desenvolver o self verdadeiro terão relações socialmente afetivas saudáveis. Já na fase de lactação, o ego vai criando força e as exigências do id serão sentidas como sendo do próprio self. Isso demanda plena identificação da mãe com o seu bebê e, conseqüentemente, a aceitação de todo comportamento que expresse essas exigências do id. A não aceitação dessas exigências será “entendida” pelo bebê como não aceitação a ele próprio. Por isso, a satisfação do id se constituirá no fortalecimento do self verdadeiro.

O falso self ou o verdadeiro self se fundem nas primeiras relações objetais, quando a mãe interage com o lactente física e simbolicamente. As alucinações sensoriais do lactente produzem o gesto espontâneo que se efetiva nas reações motoras, dando a ilusão de onipotência para o bebê. Se a mãe é inábil e não percebe as necessidades do seu filho e não propicia a expressão de sua “onipotência” em gestos espontâneos, isso funda o falso self.

Ao contrário, quando o lactente é bem acolhido ele inicia a constituição do verdadeiro self e isso vai lhe possibilitar acreditar na realidade externa. É dessa forma que as ações e reações do bebê, desenvolvidas pela coesão do sistema sensório-motor através da espontaneidade do gesto, vai demandar da mãe que lhe cuida identificação para com ele, o bebê, a fim de propiciar-lhe o acolhimento adequado para a formação do verdadeiro self.

Os jogos de criar e controlar que o bebê forma em seus ensaios de percepção e apreensão do mundo vão constituir a condição para, no futuro, ele simbolizar. O símbolo é um objeto espontâneo e carregado de afetos, fruto da vivência interna da imaginação e que se catexiza no objeto externo criado. A sensação do lactente ao lidar com o objeto criado nos seus jogos será a fundamentação para a futura formação dos símbolos.

As exigências do ambiente que podem levar à constituição do falso self têm por finalidade ocultar o self verdadeiro para preservá-lo da ilusão de aniquilamento que o meio ambiente intrusivo traz para o bebê. Também devemos considerar que o falso self é fortemente influenciado pelas expectativas sociais dos pais, as quais condicionam as exigências atribuídas aos seus filhos.

Lembrando que a primordial demanda do humano é a de ser amado, entendemos como a criança, já nos primórdios da sua existência, toma para si um “molde” para a expressão de si mesma, objetivando ser aceita. É o ambiente, composto no início da vida pela maternagem, que lhe impõe esse “molde”. Winnicott (1983, p. 134) ressalta :

Através deste falso self o lactente constrói um conjunto de relacionamentos falsos, e por meio de introjeções pode chegar até uma aparência de ser real, de modo que a criança pode crescer se tornando exatamente como a mãe, ama-seca, tia, irmão ou quem quer que no momento domine o cenário.

Durante todo o desenvolvimento, a criança continuará tentando trazer o verdadeiro self e defendê-lo das intrusões do ambiente. Por isso, o falso self é de natureza defensiva e objetiva ocultar o self verdadeiro. Porém, no convívio familiar, escolar, social, o falso self falha e dá demonstrações de algumas carências essenciais, comprometendo a capacidade da criança de interagir com outras crianças. É nesse momento que ficam visíveis as dificuldades da criança e ela é encaminhada à clínica psicanalítica.

Em casos mais amenos, o falso self defende o verdadeiro self, permitindo-lhe secretamente a expressão. “Aqui se tem o mais claro exemplo de doença clínica como uma organização com uma finalidade positiva, a preservação do indivíduo a despeito de condições ambientais anormais” (WINNICOTT, 1983, p.131). Mas, num padrão de normalidade, o falso self busca condições para que o verdadeiro self se expresse.

Retomando agora nossos questionamentos iniciais, podemos pensar que se adota ou se deseja um filho(a) porque desejamos reviver algo experienciado na nossa própria infância. Ao se exercer a maternidade e/ou a paternidade, estamos nos dando a oportunidade de reviver, ressignificar, recriar ou mesmo reparar experiências suficientemente significativas da nossa infância, onde vamos aportar a motivação cotidiana para alimentarmos o vínculo parental.

Imbuídos pela devoção da maternidade/paternidade, o que vai nos possibilitar

recriar a história do amor filial, elegemos crianças com as quais de alguma forma nos identificamos. De acordo com Winnicott (2000, p. 306), “A palavra 'devoção', se despida do seu sentimentalismo, pode ser usada para descrever o fator principal sem o qual a mãe não pode dar a sua contribuição, a adaptação sensível e ativa às necessidades de sua criança”.

Projetamos, assim, algo que vai além da aparência física, algo pelo qual já fomos afetados e que nos leva à identificação com os filhos. É isso o que possibilita, já de início, o estabelecimento da esperança de nos perpetuarmos através dos filhos, apesar da certeza da finitude humana.

O ambiente favorável que se inicia com o vínculo mãe-bebê e se completa com a entrada do pai e dos outros componentes familiares é fundamentado pela identificação da mãe com o seu bebê. Sem essa identificação não há como perceber as necessidades do lactente para, aceitando-lhes os gestos espontâneos, atender-lhe as demandas e promover-lhe a constituição de um self verdadeiro, no qual as relações sociais e afetivas da criança se aportam. Somente assim é que mães e pais pautados nas motivações psíquicas, e através do processo de identificação com seus filhos, podem propiciar a eles, de fato, um desenvolvimento saudável.

REFERÊNCIAS

SCHETTINI FILHO, Luiz. *Adoção: origem, segredo e revelação*. Recife: Bagaço, 1999.

WINNICOTT, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Trad. Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Trad. Iríneo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.

